

## PATRIMÔNIO AFETIVO, CONCRETO E EM MOVIMENTO: O CASO DO FUTEBOL

Recebido em: 26/12/2021

Aprovado em: 12/05/2022

Licença: 

*Felipe Vinicius de Paula Abrantes*<sup>1</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Mateus Alexandre Silva*<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Thiago Carlos Costa*<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

*Silvio Ricardo da Silva*<sup>4</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** O presente ensaio propõe analisar o futebol, em suas mais diferentes expressões, enquanto uma manifestação de lazer da população brasileira. Para tanto recorreremos a uma breve análise do contexto histórico da inserção do futebol no Brasil; como ele passou a ser visto como um “patrimônio nacional”; as influências exercidas pelo futebol contemporâneo neste entendimento; o futebol de várzea como uma demonstração da apropriação do esporte pela população e como o processo de “patrimonialização” dos campos de várzea pode significar a sobrevivência dessa prática de lazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Futebol. Lazer. Patrimônio.

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor e mestre em Estudos do Lazer pelo Programa de pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) na Universidade Federal de Minas Gerais. Professor de Educação Física no município de Santa Luzia - MG. Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) e do Grupo Pensando a Educação Física Escolar.

<sup>2</sup> Graduado em Educação Física (licenciatura) pela Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). Doutorando e Mestre em Estudos do Lazer no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

<sup>3</sup> Professor, Pesquisador, Curador de exposições e produtos culturais. Doutor em Estudos do Lazer (EEFFTO-UFMG), Mestre em Estudos Literários (UFMG), Graduado em História (PUC-MG). Membro do Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagens e Artes (FULIA), da UFMG e também participa do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT) da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.

<sup>4</sup> Professor Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG, coordenador do Grupo de Estudo sobre Futebol e Torcidas – GEFuT.

**AFFECTIVE HERITAGE, CONCRETE AND IN MOVEMENT: THE CASE OF FOOTBALL**

**ABSTRACT:** This article proposes to analyze football, in its most different expressions, as a leisure manifestation of the Brazilian population. In order to do so, we resort to a brief analysis of the historical context of the insertion of football in Brazil; how it came to be seen as a “national heritage”; the influences exerted by contemporary football in this understanding; community football as a demonstration of the population's appropriation of the sport and how the process of “patrimonialization” of popular fields can mean the survival of this leisure practice.

**KEYWORDS:** Football. Leisure. Patrimony.

### **Introdução**

O futebol permeia diversas esferas sociais no Brasil, pode ser profissão ou diversão. Pode ser assistido ou jogado, vendido ou comprado. Ao mesmo tempo, também é um componente cultural que atravessa uma gama de outros contextos, como as expressões futebolísticas em nossas falas ou o movimento de barraqueiro no entorno de um estádio durante o jogo.

A presença e a representatividade do futebol são difíceis de delimitar, visto que alguns deste são visíveis, palpáveis e outros não. Concretamente temos a bola e o campo como símbolos maiores, os estádios, jogadores, camisas, além dos registros de som e imagens. Paralelamente, a sensação de assistir a um gol ou de marcá-lo, a decepção de uma derrota ou a alegria de uma vitória e, até mesmo, a completude satisfatória de um domingo com futebol representam o lado abstrato do futebol, complementando o concreto.

O futebol - pensando-o na totalidade - ocupa um lugar de destaque no cenário nacional, na sua já centenária história caminhou e caminha lado a lado de inúmeros processos sociais. Porém, nem sempre o futebol recebeu o devido crédito e não ocupa o seu devido lugar na história. A inserção dos negros no futebol como fizeram alguns clubes nas primeiras décadas do século XX, o campo de terra que acolhe momentos de

comunhão de uma comunidade/bairro ou a visão de um Brasil vencedor pela ótica dos títulos das Copas do Mundo de 1958 e 1962, são pequenos exemplos dentro de muitos que mereciam outro *status* ao futebol.

Tornar o futebol um patrimônio brasileiro mostra-se um caminho com contornos plausíveis, pois “o reconhecimento de um bem patrimonial ocorre a partir da atribuição de valor a determinados bens por parte da sociedade ou das instituições” (MEIRA, 2020, p.166). Como visto, nem tudo no futebol é palpável e, ao escolher determinado estádio ou clube para simbolizar o todo do futebol, reduziria sua potencialidade como fenômeno social e patrimônio nacional.

Para ampliar os horizontes é necessário evidenciar que “[...] patrimônio não se limita à materialidade, pois, antes, pode referir-se aos bens produzidos pelos nossos antepassados, que resultam em experiências e memórias, coletivas ou individuais, encontradas não só em bens materiais” (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p.851), requerendo assim um patrimônio não só material, mas também afetivo.

Como apontado por Oliveira e Ribeiro (2019, p. 849), “um Patrimônio Afetivo, nos deparamos com a dificuldade de não haver um conceito delimitado sobre o assunto”, uma vez que afetividade é um tipo de emoção que, em simultâneo, é individual e coletiva. O campo de estudo da Antropologia das Emoções entende que estas são “mediadas pelas formas de pensar cultural e historicamente construídas” (COELHO; REZENDE, 2010, p.29), logo, os patrimônios afetivos reconhecidos são marcos culturais de um determinado contexto ou povo.

Tendo esta dimensão, é imprescindível evidenciar que o “patrimônio não é apenas das instituições e sim das pessoas que se apropriam dele, que atribuem valor, simbolismo, emoção para que seja preservado e transmitido” (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p.854), como é o caso do futebol no Brasil.

Diante do quadro apresentado, este ensaio se propõe a fazer uma reflexão sobre os possíveis processos de reconhecimento do futebol como patrimônio. Buscaremos discutir quais setores do futebol podem ser reconhecidos (torcidas, estádios, clubes, clássicos regionais, etc.), apontando para as potencialidades de cada um destes “setores” e quais características cada um deles têm que podem facilitar ou dificultar esse reconhecimento de patrimônio cultural. Finalmente, o intuito é, também, que o texto possa suscitar o debate acadêmico entre os estudiosos do futebol e do Patrimônio no Brasil para que possíveis novas interpretações ou temas de pesquisa sobre o assunto possam surgir.

### **Futebol, Memória Afetiva e Identidade: Caminhos de um Patrimônio Histórico Cultural**

Ao longo de finais do Século XIX e início do Século XX, o futebol acompanhou o processo de formação da república no Brasil, como também seus processos de urbanização, industrialização e construção de sua sociedade. Os reflexos desse processo, observamos hoje no Século XXI, quando diversos meios de comunicação tratam o futebol para além do fenômeno esportivo como um dos elementos fundamentais da identidade brasileira. Para ver este processo de identidade, por exemplo, basta observarmos a agitação e o envolvimento das pessoas em cidades, casas, apartamentos, ruas, bares e seus entornos em dias de jogos para além dos estádios onde ocorrem os jogos.

Nesse contexto, outra forma de construção dessa identidade está nos elementos culturais que a sociedade brasileira produziu e produz sobre o futebol ao longo destes quase 120 anos de sua prática no país. Assim, podemos observar representações do futebol no Brasil por meio da literatura com poesias, cordéis, contos, romances, na

música com registros em vários gêneros que vão do rap ao samba, podemos ver o futebol na pintura e escultura, também no cinema em filmes de média, curta e longa-metragem. E claro, por meio de exposições temáticas celebrando conquistas, times e/ou atletas marcantes, bem como a recente criação de museus de futebol pelo Brasil afora e também com as incipientes e promissoras projetos de memoriais dos clubes de futebol.

Nesse caminho também observamos o tombamento dos chamados campos de várzea pelas cidades brasileiras, mostrando como a força da identidade e da memória coletiva ajudam a consolidar o futebol para além de prática esportiva e de lazer, mas como elemento de identidade que bate de frente com a especulação imobiliária no Brasil dos últimos 50 anos.

O entendimento do futebol como fenômeno cultural, e parte dessa memória e identidade nacional brasileira, não parte dos últimos quarenta e trinta anos quando se intensificou novamente o debate sobre patrimônio cultural no Brasil. Remete justamente às décadas de 1930 e 40, quando intelectuais como Mário de Andrade, Rodrigo Melo Franco e Gustavo Capanema debatiam sobre modernismo e o patrimônio cultural brasileiro. Particularmente com a criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN - em pleno governo do Estado Novo de Getúlio Vargas:

[...] atribuição de valor e a proteção de paisagens têm sido tratadas pelo Estado brasileiro a partir de valores culturais. O assunto é abordado através da experiência do IPHAN, instituição federal, criada em 1937, encarregada da identificação e proteção do patrimônio cultural nacional (RIBEIRO, 2007, p.66).

Na esteira desse movimento de institucionalização de uma identidade nacional brasileira, muito bem detalhado por Rafael Winter Ribeiro sobre a construção do conceito de paisagem cultural e patrimônio cultural no Brasil e no mundo ao longo dos séculos XX e XXI. Podemos observar como no futebol, no mesmo período onde se construía o SPHAN e uma política de memória e tombamento de patrimônio cultural brasileiro, jornalistas, sociólogos, historiadores e memorialistas o pensavam como um

elemento de formação da identidade brasileira em paralelo ao barroco, arquitetura e o samba, por exemplo.

Nas décadas de 1930 e 1940, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Mário Filho, Thomaz Mazzoni e José Lins do Rego, entre outros, começaram a trabalhar em uma construção de narrativas do futebol como marca daquele Brasil que se modernizava e, ao mesmo tempo, buscava suas raízes; o que era ser brasileiro. Exemplo desse movimento podemos observar na obra clássica de Mário Filho (2010), “O Negro no futebol brasileiro”, que, com todos os seus problemas conceituais e esquemáticos sobre a sociedade brasileira, pode ser visto aqui como uma busca por construir uma identidade brasileira vinculada ao futebol, que, obviamente, incorria no equívoco do “mito da igualdade racial” no Brasil. Exatamente por esse movimento podemos analisar o esforço do jornalista em contar uma história do Brasil e dos brasileiros por meio do futebol, algo na época inovador.

Não atoa podemos visualizar no prefácio da primeira edição de “O Negro no futebol brasileiro”, assinado justamente pelo sociólogo Gilberto Freyre em 1947. Neste prefácio Gilberto Freyre coloca elementos que nos ajudam a entender o processo de construção de identidade nacional para aquelas pessoas e como essas ideias foram propagadas para a sociedade brasileira ao longo do século XX:

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial que só agora vai sendo estudada sob critério sociológico ou parassociológico. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. Pois torou-se meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente – pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa – de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol – ou de algum equivalente de futebol - na verdadeira instituição nacional que é hoje[...] (FREYRE, 2010, p.24).

Partindo desse trecho acima citado, podemos observar como a análise acadêmica de Freyre está empenhada em vincular a prática do futebol no Brasil com a construção da identidade nacional brasileira, ao ponto que o mesmo afirma que o esporte é a

“verdadeira instituição nacional”. Este tipo de construção obviamente tinha grande potência na época, pois a obra de Mário Filho percorria a história social brasileira bebendo na fonte do autor de *Casa Grande e Senzala*, para contar a história do Brasil e dos brasileiros por meio do futebol. Tanto que continuando no prefácio de Freyre para o livro de Mário Filho observamos esse esforço de se construir uma legitimidade social, cultural e identitária para o futebol no Brasil para além dos campos da prática esportiva;

O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social, e de cultura. A capoeiragem e o samba, por exemplo, estão presentes de tal forma no estilo brasileiro de jogar futebol que de um jogador um tanto álgido como Domingos, admirável em seu modo de jogar, mas quase sem floreios – os floreios barrocos tão do gosto brasileiro – um crítico da argúcia de Mario Filho pode dizer que ele está para o nosso futebol como Machado de Assis está para a nossa literatura, isto é, na situação de um inglês desgarrado entre tropicais. Em moderna linguagem sociológica, na situação de um *apolíneo* entre *dionisíacos*. O que não quer dizer que deixe de haver alguma coisa de concentradamente brasileiro no jogo de Domingos como existe alguma coisa de concentradamente brasileiro na literatura de Machado. [...] Mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também negro, o descendente do negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância ao futebol (FREYRE, 2010, p.24).

Por meio desse trecho podemos observar como Mario Filho e, principalmente, Gilberto Freyre constroem seus olhares sobre a formação da sociedade brasileira e do futebol no Brasil. Ao se aproximarem, o futebol, o samba e a capoeira, alicerçam e reforçam a noção do esporte como um patrimônio imaterial, imprimindo a sua importância para o campo prático e que traduz a tradição historicamente construída de que a miscigenação racial do povo brasileiro foi fundamental para o desenvolvimento e massificação do futebol no país.

Ao colocar o futebol no campo do imaterial esses intelectuais circunscreveram o jogo no imaginário coletivo, ou seja, na memória coletiva de que o Brasil era o “país do futebol”. E esse discurso foi reforçado justamente pelo êxito esportivo alcançado pela geração de jogadores em 1958 ao vencerem pela primeira vez uma Copa do Mundo. A

vitória do Brasil no mundial disputado na Suécia, vencendo seleções europeias no seu continente, lembrando que foi a primeira vez que uma seleção venceu uma Copa do Mundo fora de seu continente natal.

Essa vitória comandada pela geração de Pelé, Garrincha, Didi, Vavá, Djalma Santos, Bellini e Nilton Santos e companhia ajudou a cristalizar memória eufórica sobre a teoria de democracia racial no futebol e que no Brasil se praticava um tipo de futebol singular, como diria o bordão da canção da época da Copa de 1958, “com brasileiro não há quem possa”. Essa memória eufórica se consolidou no senso comum brasileiro como uma espécie de tradição, pois em um curto intervalo de tempo a seleção brasileira venceria mais duas Copas do Mundo em 1962 e 70, tornando-se a primeira seleção a conquistar o título mundial por três e vezes e teria a posse definitiva da cobiçada Taça Jules Rimet.

Ao longo do século XX, a sociedade brasileira ainda viu uma série de jogadores de futebol consolidarem como ícones na prática do esporte com marcas e feitos impressionantes, como foi o caso de Pelé, Garrincha, Rivellino, Sócrates, Zico, Romário, Ronaldinho, Ronaldinho Gaúcho entre outros. Além disso, a seleção brasileira ainda venceu os mundiais em 1994 e 2002, consolidando até os dias atuais como a primeira e única a ser pentacampeã mundial. Obviamente esses feitos teriam seus efeitos na memória coletiva e no imaginário que cerca a sociedade brasileira, em um país marcado por forte contraste de social, econômico e racial, para as autoridades o êxito esportivo no futebol ajudaria a amenizar estas tensões.

Nesse contexto entre os anos de 1950 até meados dos anos 1980 o cinejornal *Canal 100*, teve papel destacado nesse imaginário nacional virtuoso de um Brasil que empilhava taças no exterior, via a garota de Ipanema, talentos nos festivais da canção, construía estradas, inaugurava fábricas ao mesmo tempo em sufocava opositores de seu

regime militar. A produção cinematográfica de Carlos Niemayer, com captura do talentoso cinegrafista Francisco Toturra, narrações de Cid Moreira e Corrêa Araújo, abria praticamente todas as sessões de salas de cinema de norte a sul do Brasil. Ao som da música na “Na cadência do samba”, de Luís Bandeira com o bordão “que bonito é”, intercalava cenas de jogos com seus gols, dribles e arquibancadas lotadas com cenas cotidianas, inaugurações e feitos dos governos, em no máximo três minutos de duração. Como bem detalha Rodrigo Archangelo em seu artigo sobre o poder das imagens nos cinejornais:

As aproximações com o poder político, como em outros cinejornais, são constitutivas do Canal 100. O apoio ao governo federal foi abertamente demonstrado em momentos decisivos, como o golpe civil-militar de 1964, e a exaltação do poder político passou das efemérides e das solenidades ao elogio das belezas naturais de um país “bem governado”, em que a cidade do Rio de Janeiro foi o principal objeto para a representação do belo, mesmo em notícias sobre eventos estritamente oficiais ou políticos. Mas de maneira mais recorrente, o elogio recaiu sobre uma importante identidade de pertencimento entre os brasileiros: o futebol. A cobertura deste esporte As partidas de futebol registradas pelo Canal 100, o seu verdadeiro carro-chefe, legaram um padrão inovador à representação deste esporte. Por esse cinejornal, dramatizou-se todas as instâncias do espetáculo com uma narrativa audiovisual: os acertos e os erros dos jogadores em ângulos e tomadas inéditos; a entrada e a saída de torcedores dos estádios, ligando a experiência do evento esportivo ao cotidiano das cidades e dos cidadãos; a torcida entusiasmada, com rostos, gestos e comportamentos captados em primeiro plano e que denotam sensações e a identificação emocional do público com o esporte, seus ídolos e suas equipes. Os próprios torcedores mostrados das arquibancadas e de outros lugares do estádio, onde se misturam autoridades e subordinados, pobres e ricos, pretos e brancos, homens e mulheres participando do mesmo evento, em imagens que contribuíram para fortalecer a integração social no imaginário coletivo, e que, hoje, apresentam enorme potencialidade para evocar traços e relatar o seu contexto. Nas atuações da Seleção Brasileira, recorreu-se à fé e à predestinação da vitória em imagens cinematográficas que foram um reforço à ideia da coletividade unida pelo país. Uma experiência de igualdade e justiça social mostrada semanalmente no cinema, por um cenário com regras simples e personificadas no juiz, autoridade que, inclusive, podia ser contestada e mesmo xingada até pelo povo (ARCHANGELO, 2012, p.7-8).

A potência das imagens difundidas pelos meios de comunicação como cinema, televisão e rádio, somada aos textos de cronistas esportivos em jornais e revistas em consonância com o desempenho esportivo da seleção brasileira ajudou a construir uma memória eufórica e identidade nacional em torno do futebol no Brasil. Para pensarmos

em memória afetiva, vale ressaltar como a mesma é construída em uma era midiática e afeita ao espetáculo.

Em um primeiro momento podemos pensar como a memória é construída nas ciências humanas, distinguindo a memória individual da memória coletiva. Podemos definir de forma geral que a memória individual como lembrança e objeto de estudo de uma psicologia social, sendo que a memória coletiva como representação e aglutinador de um determinado grupo social. Assim podemos fazer uma distinção geral que a primeira seria recordação e a segunda seria parte de uma construção coletiva, e que a memória pode ser entendida como por momentos vividos pessoalmente, como experiências do outro por meio de projeções de um passado até mesmo não vivido por estas pessoas, tornando assim a memória como um fato social importante para os estudos sobre as sociedades. Portanto, a memória seria constituída por:

[...] acontecimentos vividos pessoalmente; vividos a partir da experiência do outro, através da projeção ou identificação com um passado, mesmo por pessoas que não o viveram; por ser constituída por personagens; e pelos lugares de memória, locais de realização dos atos de rememoração/comemoração (POLLAK, 1992, p.201).

Esse entendimento da memória enquanto fato social nos ajuda a perceber como a disputa pela construção da memória em um campo político se torna primordial para a noção de patrimônio. Pois, como a noção de memória passar por projeções, identificações, disputas e elegibilidade de lugares e datas de rememoração, sua importância se consolida de uma disputa do passado em um tempo presente. Até mesmo por isso, o termo do senso comum “a memória é seletiva”, faz sentido nessa análise, pois o que será lembrado enquanto memória coletiva e fato social será selecionado para ser guardado na memória.

Por outro lado, temos a memória individual que está nesse contexto social, em constantes transformações e manipulações. Em uma era do capitalismo, presenciada pela humanidade desde a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, que desde a

virada do século XVIII para o XIX transformou a noção de indivíduo ao mesmo tempo em que transformou tudo em produto com valor simbólico ou econômico. Não podemos perder de vista que a memória entra nesse contexto, como bem lembra o historiador francês Jacques Le Goff:

Ao mesmo tempo, transforma-se a memória em mercadoria: Pesquisa, salvamento, exaltação da memória coletiva não mais nos acontecimentos, mas ao longo do tempo, busca dessa memória menos nos textos do que nas palavras, nas imagens, nos gestos, nos ritos e nas festas; é uma conversão do olhar histórico. Conversão partilhada pelo grande público, obcecado pelo medo de uma perda de memória, de uma *amnésia* coletiva, que se exprime desajeitadamente na moda retro, explorada sem vergonha pelos mercadores de memória desde que a memória se tornou um dos objetos da sociedade de consumo que se vendem bem (LE GOFF, 1992, p.472).

Nesse pacote de itens da memória a ser explorada pelo mercado e por governos encontra-se o indivíduo com sua memória afetiva, que é composta por uma série de elementos como: sabores, odores, sensações e afetos. Sentimentos que são particulares e pessoais, mas construídos em vida coletiva, e o tempo todo confrontados com uma série de imagens, textos, documentos e monumentos.

A experiência humana iniciada na infância, quando começamos a montar nossas redes de sociabilidades e lembranças, é o tempo todo confrontada à experiência da vida coletiva. Particularmente na sociedade midiática onde tudo vira produto, o simples ato de uma criança sentar de frente uma televisão para assistir aos seus desenhos animados preferidos se torna uma experiência midiática onde será bombardeada por uma série de propagandas e informações, e esse processo segue ao longo da sua vida. Sendo que de casa, essa criança para a vida adulta passará por escolas, museus, bibliotecas, arquivos, universidades, shopping centers, bares, estádios de futebol, ginásios, restaurantes, parques e outros espaços de interação social carregados de informações e símbolos.

Assim, quando a mesma pessoa se lembra da sua infância com afetividade daquele ano de Copa do Mundo onde juntavam-se familiares e amigos para assistir um jogo da seleção nacional e que guarda na memória afetiva, está cercada de outros

elementos simbólicos alheios a sua vontade, que ajudam na sua construção de identidade. Assim, aquele gol, aquele jogador com seu drible genial ou o frango do goleiro podem te levar a lembrar de um lugar e/ou pessoa, por exemplo, assim mostrando como a memória constrói-se como fato social. Mostrando como a memória afetiva pode ser um campo inesgotável de significados para além da factualidade que a memória histórica tem em si.

Pensando que estas memórias individuais são, obviamente, pertencentes ao indivíduo, mas no contexto de uma sociedade a memória coletiva ajuda a construir como um fato social na busca de uma produção de sentido para aquela sociedade. Portanto, o esforço de gestores na construção de monumentos e lugares de memória com símbolos, datas e monumentos parte dessa premissa em se consolidar um discurso para a memória coletiva. E pensar o futebol como patrimônio nesse caminho se faz necessário para a problematização do que o brasileiro entender por identidade e como ele se conecta ao tempo e espaço que o cerca.

### **O futebol Espetáculo e o Torcer como Lazer e Patrimônio**

Ele está no estádio, na televisão, no rádio e em vários outros dispositivos via *internet*. O espetáculo é o grande chamariz deste fenômeno polissêmico e polimórfico que é o futebol, sua faceta profissional encanta multidões e faz muitos jovens sonharem, Brasil afora, com uma carreira similar a de seus ídolos. Muitos querem a glória que poucos alcançam.

Entendemos e concordamos com Lages e Silva (2012), que apontam o futebol como um referencial de atividade de lazer para uma grande parcela dos brasileiros na atualidade, seja na prática do esporte, ou como espectadores (torcedores) do futebol de alto rendimento.

As torcidas, este componente importante do futebol, são as atreladas a adjetivos que denotam imponência, grande volume de pessoas e paixão, as torcidas significam mais que usar uma camisa específica, vibrar com o seu time ou consumi-lo enquanto um “cliente” (reflexos de um futebol neoliberal). Para o presente momento, questão que queremos fazer emergir é: o que precisa se tornar um patrimônio no futebol espetáculo? Uma torcida específica? Uma fachada de estádio? Um gol marcante ou um jogador específico? Ou tudo isso é possível ser patrimonializado? É mais comum, até mesmo mais facilmente compreendido a “patrimonialização” de locais físicos, como sedes, estádios, centros de treinamento, dentre outros. Silva e Silva (2020, p.101) apontam que “o frenesi patrimonial tem alcançado o futebol, sobretudo nos níveis municipais e estaduais, deixando de lado elementos importante atrelados ao mesmo, que prezam pela pluralidade, pela diversidade e pela diferença”. Esta seletividade acaba por fragmentar o objeto, descaracterizando-o como fenômeno nacional.

Oliveira e Ribeiro (2019, p.853) apontam que “[...] é imprescindível, antes de decretar um patrimônio, ouvir as narrativas da comunidade, saber de suas memórias e de suas construções identitárias”. Por mais complexo que seja esse processo em âmbito nacional, a necessidade de compreender o contexto e só então dar contornos ao patrimônio deve ser o caminho a percorrer.

A dimensão territorial brasileira se apresenta como uma das principais barreiras para a realização deste processo. Se pensarmos que as principais equipes nacionais, que disputam as competições de primeira linha (Copa Libertadores da América, Copa do Brasil, Série A do Brasileirão - e talvez a Série B, Copa Sul-Americana) estão concentradas em algumas cidades e as maiores aglomerações de suas torcidas se apresentam no mesmo lugar, talvez devemos olhar o futebol também por outra ótica, através da mídia.

Como apontado anteriormente, o futebol tem uma presença marcante no âmbito midiático. É por esse meio que uma parcela considerável dos torcedores se encontra conectado com seu time ou com o futebol. É, também, nesta conexão que são vivenciadas as emoções que o esporte suscita em seus apreciadores. Se existe, para alguns, o ritual do dia do jogo, que contempla a organização das atividades diárias para ir ao jogo, a compra do ingresso, o ritual de entrada e saída do estádio (dentre outras particularidades), para outros este processo é distinto, (também dentre outras particularidades) pode ser se deslocando a um bar assistir à partida (ABRANTES; SILVA, 2016) ou disputar o controle remoto com a família e assim poder assistir na própria casa.

Por mais contrastantes que sejam os rituais, por escolha ou por falta de opção, ambos convergem em um único sentido, que é torcer, viver o futebol à sua maneira. Por mais que haja barreiras (econômicas, geográficas e sociais, dentre outras) entre o futebol e o povo, nas questões afetivas não há barreiras. Apreço ou paixão são emoções que podem ser vivenciadas no silêncio, mesmo sob um discurso contrário.

Seja presencialmente ou através de um equipamento, esse contato com o futebol é um hábito amplamente difundido no Brasil que, mesmo sem ser institucionalizado, ocorre massivamente e é parte da nossa cultura. Ser reconhecido como patrimônio dará uma identidade a esta vivência, “funcionando como um mediador mais sensível, o patrimônio pode transmitir a cultura e a identidade de um povo” (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p.854).

A condição atual do futebol nos principais centros europeus, majoritariamente globalizado e neoliberal, afeta o “estilo brasileiro” de jogar futebol. O quesito globalização está relacionado diretamente ao jeito de jogar, questões táticas e técnicas, o

comportamento dos jogadores e o que mais for possível copiar do que acontece na Espanha, França, Alemanha, Itália e Inglaterra.

Fazer carreira na Europa (e ganhar dinheiro) tem levado jovens jogadores cada vez mais cedo para o continente europeu. Esta tendência acaba por influenciar a maneira de jogar futebol por aqui, os discursos acerca do futebol praticado pelas Seleções Brasileiras nas Copas do Mundo de 1970 e 1982 (a exemplo) como referência de excelência e brasilidade vão se perdendo. Aqui (e lá) são trocados por discursos que enaltecem o futebol idealizado por treinadores vencedores na Europa (como Guardiola, Zidane e Mourinho, ou nada vencedores como Pochettino e Roberto Martínez) ou o futebol praticado pelas “ótimas gerações” belgas e inglesa que não venceram nada.

O quesito neoliberal no futebol mundial influenciou a dinâmica descrita anteriormente, mas ela é visível principalmente nos estádios. Os grandes templos do futebol brasileiro não exibem a mesma estrutura de outros tempos, tendo destaque a transformação massiva para a Copa do Mundo de 2014.

Se no imaginário do torcedor brasileiro está o estádio lotado pelo povo, atualmente, muitos deles não se encontram assim. Mascarenhas (2019) aponta que a década de 1950 representou a era do desenvolvimento, tendo a construção de Brasília como marco e a grandeza do recém-inaugurado Maracanã, outros grandes estádios começaram a ser construídos nas capitais brasileiras.

Este processo de construção se arrastou pelas décadas seguintes, onde estádios que comportavam 50, 70, 120 mil torcedores tinham seu protagonismo no cenário favorecido pela criação de um campeonato nacional. Segundo Mascarenhas, a primeira mudança significativa neste contexto foi a inauguração da Arena da Baixada em 1999 que alteraria a lógica do torcer no Brasil.

Se antes havia jogos com mais de 100 mil torcedores ocupando a geral e as arquibancadas, com as mudanças “padrão FIFA” essa situação ficou impraticável. “O estádio contemporâneo se vê submetido ao gerenciamento técnico empresarial que visa requalificar/revitalizar/refuncionalizar o tradicional equipamento, tornando-o mais rentável e mais ‘bem frequentado’” (MASCARENHAS, 2019). Fisicamente, essa mudança alijou a geral e colocou cadeiras numeradas nos principais estádios do país, reduzindo a sua capacidade de público. Alguns novos estádios foram construídos já dentro desta lógica, prontos a receber seus clientes.

As mudanças físicas ocorridas nos principais estádios brasileiros também influenciaram diretamente no público que os frequentam e o modo de torcer. Estes estádios, agora chamados de arena, têm preocupações que vão além do jogo de futebol, entendidos agora como “máquinas de fazer dinheiro”, o lucro é o principal mote. Não importa mais se a renda veio do jogo ou de um show musical (cada vez mais recorrentes), o que importa é capitalizar, passar uma imagem de espaço “diferenciado” para “todos” os públicos.

O torcer não é mais como antes, ao menos nas manifestações das arquibancadas. Tanto na aproximação quanto dentro dos estádios, novas dinâmicas em nome da segurança e do bom atendimento tornaram o lugar da transcendência através da manifestação da paixão pelo seu clube um lugar de vigilância constante. Regras e mais regras obrigam o torcedor a se sentar em um lugar específico, determinam onde e quando se pode beber e o que portar, tudo sob a mira de muitas câmeras de vigilância.

As mudanças ocorridas afetam o que Fonseca (2001) chama de “referências culturais”. Para a autora essas referências servem para “dirigir o olhar para representações que configuram uma identidade da região para seus habitantes, e que remetem à paisagem, às edificações e objetos, aos fazeres e saberes, às crenças, hábitos,

etc.” (FONSECA, 2001, p. 113). Aqui as referências seriam representadas pelos atravessamentos do futebol espetáculo na sociedade, bem como a maneira de torcer nos estádios que, em alguma medida oferecia menos barreiras socioeconômicas até a sua remodelação nas últimas décadas.

Quando se fala em referências culturais, se pressupõem sujeitos para os quais essas referências façam sentido (referências para quem?) (FONSECA, 2001, p. 112). Tornar o futebol um patrimônio no Brasil poderá confrontar o ideal neoliberal que dita as regras atualmente, pois “o patrimônio possui um papel essencial na continuidade da elaboração de subjetividade individual e coletiva” (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019, p.854). A liberdade e alegria de torcer são referências para uma parte considerável da população, logo deve haver garantias da continuidade deste contexto.

Sem a conservação do futebol como um espetáculo para muitos e com a consolidação deste movimento restritivo, poderá mudar a realidade e seu *status* social e o seu legado voltarem a ser compostos principalmente por elementos excludentes, um jogo para poucos.

### **Patrimonialização dos Clubes e Campos de Várzea: Uma Defesa do Direito ao Lazer**

O caso do futebol de várzea (ou comunitário) também nos suscita muita reflexão quando se refere à questão da patrimonialização. Neste sentido, entendemos que existem alguns caminhos que podem fazer com que haja uma justificativa, ou um reconhecimento deste universo do futebol enquanto um patrimônio no Brasil.

Primeiramente, podemos começar com a capilaridade que o futebol varzeano tem por todo território brasileiro. Estudos de Rigo (2007), Spaggiari, (2009; 2014), Figueirêdo (2008), Gonçalves (2002) e Myskiw (2012) nos permitem fazer essa

observação. Estes trabalhos, também evidenciam que cada localidade apresenta suas particularidades em relação a esse futebol, porém o fim geralmente é o mesmo. Propiciar a prática ou a torcida no esporte para as pessoas que optam pelo futebol comunitário em seus momentos de lazer. Podemos então inferir que o futebol de várzea é um importante instrumento que oportuniza a vivência de práticas de lazer para uma significativa parcela da população brasileira. Ou seja, este futebol é uma possível ferramenta que permite que – principalmente – as populações de regiões mais empobrecidas das cidades, tenham acesso a este direito constitucional que é o lazer.

Ao pensarmos no lazer como um direito social, entramos em um segundo ponto de discussão que aponta o indício da necessidade do reconhecimento do futebol de várzea como um patrimônio. A manutenção dos campos de várzea. A especulação imobiliária, um dos efeitos predatórios do capitalismo é a grande ameaça aos campos comunitários atualmente. Muitos desses campos se encontram em bairros de grande adensamento populacional e que tem um apelo para a construção, principalmente, de empreendimentos de moradia. Assim sendo, a patrimonialização dos campos é um meio para diminuir o risco do desaparecimento destes equipamentos de lazer. Sabemos que este processo (tornar os campos de várzea em patrimônios) não impede que eles sofram com a pressão de setores econômicos mais vorazes, como aponta Mascarenhas (2019), contudo é mais uma ferramenta de proteção a estes espaços que podemos lançar mão. Como exemplo de um movimento existente para o reconhecimento e preservação do futebol comunitário, em Belo Horizonte foi realizado uma série de debates acerca do tema. Após esses encontros, representantes dos clubes de várzea da cidade e representantes do poder público municipal, ligados à Fundação Municipal de Cultura elaboraram um documento que objetiva a salvaguarda do futebol amador na capital mineira (RIBEIRO, 2020a). Dentre os principais pontos do dossiê destacam-se:

1. Preservação dos acervos documentais dos clubes; 2. Valorização do futebol amador, dos clubes e dos campos pela cidade e pelas comunidades do entorno; 3. Promoção dos direitos culturais em parceria com os clubes e os campos; 4. Organização e qualificação das entidades para acesso a recursos públicos; 5. Melhoria da articulação com o poder público e os clubes; 6. Isenção fiscal de campos dedicados ao futebol amador; 7. Gestão sustentável dos campos; 8. Preservação dos espaços do futebol amador. (RIBEIRO, 2020a).

Vale ressaltar ainda que além da prática do futebol amador, os campos permitem uma série de outras atividades de lazer e de integração social e cultural das comunidades que os cercam. Ribeiro (2020b), um dos principais estudiosos do futebol de várzea e a importância patrimonial do mesmo atualmente evidenciam uma série de atividades realizadas nos campos e que também fazem parte da vivência de lazer para muitas comunidades. Existem vários registros de missas (dentre outras comemorações religiosas), festas juninas, ruas de lazer, comemorações de dia das crianças, enfim os campos acabam se tornando ponto de referência no quesito equipamento de lazer para muitos bairros, aglomerados e vilas nas cidades brasileiras, como aponta Ribeiro (2020c):

A presença de sede e bar em boa parte dos campos amplia as possibilidades de apropriações por moradores. Assim, festas de aniversário, de debutantes e de casamento; velórios; bingos; bailes; apresentações musicais; aulas de balé, capoeira, artes marciais; reuniões de associações locais; confraternizações pós-jogo são usos identificados para esses espaços. Os bares, especialmente, convertem-se em pontos de encontro dos moradores do lugar, que, em muitos casos, articulam-se diretamente ao movimento do espaço de jogo (RIBEIRO, 2020c).

Cabe-nos lembrar, que nos dias de jogos de futebol nestes campos (especialmente nos finais de semana), eles também são espaços concentradores de momentos de sociabilização, encontro e lazer não somente para os praticantes do futebol como também para aqueles que vão acompanhar estes eventos esportivos. Até mesmo para aqueles que vão para o entorno dos campos para realizarem churrasco com amigos, jogar baralho ou frequentar bares. Ribeiro (2020c) aponta no trecho abaixo a importância dos campos, tanto para o lazer, quanto para a organização política e social da população:

Espaços que representam a capacidade organizativa daquelas populações, momentos de encontros, triunfos de clubes locais, resistências a ameaças de remoção, os campos de várzea são também lugares de memória inseridos em territórios que são raramente alvos de políticas de preservação (RIBEIRO, 2020c).

Tais equipamentos, assim como os clubes que os ocupam dialogam intensamente com as alterações de seus territórios e da cidade de uma forma mais geral. Em que pese os elementos tradicionais que orientam essa cultura esportiva popular, ela está em constante transformação, absorvendo novas linguagens e lançando mão das possibilidades oferecidas pelas inovações tecnológicas.

Um terceiro e último aspecto em relação ao futebol de várzea e a pertinência em torna-lo patrimônio diz respeito aos clubes amadores. Estas agremiações são de grande importância na vida esportiva e social de inúmeras comunidades brasileiras. Muitas delas “fomentam” o lazer nos locais onde se inserem como apontado anteriormente. Mas também existe a importância histórica desses clubes. Importância inclusive na salvaguarda da história dessas comunidades o que significa que também fazem a guarda da história das cidades em que se encontram.

Isto posto, lembramos que os próprios clubes são parte constituinte da história cultural e esportiva das cidades brasileiras. A memória do futebol no Brasil passa por estes clubes comunitários e suas sedes espalhadas pelo país, fontes ricas para a realização de trabalhos voltados para a perspectiva histórica, cultural e de lazer. Documentos, fotografias, troféus, coleções de uniformes, são exemplos dos verdadeiros tesouros que provavelmente estão escondidos nos grandes centros urbanos, nas médias e pequenas cidades.

## **Conclusão**

Apresentamos neste ensaio ideias e reflexões acerca da construção histórica do entendimento do futebol, enquanto uma expressão de identidade nacional brasileira,

bem como apontamentos sobre o futebol de alto rendimento, espetacularizado e do futebol comunitário enquanto objetos, que podem ser entendidos como, “itens” de preservação e reconhecimento enquanto patrimônio nacional. A partir destas ponderações, entendemos que esta discussão é relevante para diversos campos de estudos como o Lazer, o turismo, a museologia, dentre outros, uma vez que, sendo o futebol um importante elemento constituinte da identidade nacional, passamos a poder concebe-lo como um componente histórico-cultural que merece preocupação no que se refere à preservação e em certa medida, a “patrimonialização”.

Ainda temos o aspecto cultural que o torcer e o futebol espetacularizado possuem no país. Por estarem tão arraigados à cultura da sociedade brasileira, consideramos que essa forte e perene ligação do esporte com a população, acabe por produzir outros produtos culturais, estes que, podem sim carecer de cuidados em relação à sua sobrevivência e manutenção como manifestação popular, como é o exemplo dado como a crescente influência do futebol europeu (globalizado) dentro de contextos do futebol local, regional. Há também o enfrentamento que o torcedor precisa exercer ao contrapor uma lógica exageradamente “mercantil” que alcançou o futebol de alto rendimento.

E finalmente, o futebol e os campos de futebol comunitários que desempenham um relevante papel na oferta diversificada de lazer para muitas pessoas no Brasil, em muitos casos só conseguem permanecer sendo uma opção de lazer para as pessoas da periferia (na maior parte) quando ocorre um processo de preservação e “patrimonialização” buscada pelos clubes varzeanos e/ou as populações residentes do entorno destes clubes e campos.

É nosso desejo que este texto possa ser um elemento desencadeador de problemas de pesquisa sobre a relação futebol e patrimônio. Temas estes, que cremos,

estarem próximos devendo assim, serem mais explorados tanto no âmbito acadêmico quanto na área das políticas e gestores públicos do país.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Felipe Vinícius de Paula; SILVA, Silvio Ricardo da. O futebol nos bares de Belo Horizonte: o torcer em uma cidade boêmia. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, v. 22, n. 4, p. 1237-1248, 2016.

ARCHANGELO, Rodrigo. Imagens do poder e o poder das notícias nos cinejornais. ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, Trabalho, cultura e memória –ANPUH-SP, 21. **Anais...** Campinas, setembro, p.1-11, 2012.

COELHO, Maria Claudia Pereira; REZENDE, Cláudia Barcellos. **Antropologia das emoções**. Editora FGV, 2010.

FIGUEIRÊDO, Haroldo Moraes de. **O futebol, a igreja e a rua da telha**: a educação para o lazer no município de Vicência (1965-1970). 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação. Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. **Políticas sociais - acompanhamento e análise**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 111 – 120, 2001.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. *In*: FILHO, Mário Rodrigues. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2010. p. 24-26.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. **Futebol amador**: campo emergente de sociabilidade. 2002. 98 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Programa de Pós-graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

LAGES, Carlos Eduardo Munaier; SILVA, Silvio Ricardo da. Futebol e Lazer: diálogos e aproximações. **Licere**, Belo Horizonte, v.15, n.1, mar/2012.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1992.

MASCARENHAS, Gilmar. A goleada do capital sobre a memória coletiva: o “bota abaixo” no patrimônio esportivo. *In*: DOMINGUES, João; TELLES, Mário Ferreira de Pragmácio. (Orgs.). **Memória, patrimônio cultural e a questão urbana no Rio de Janeiro**: contradições, conflitos e desafios. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019.

MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. Novo mundo, novos patrimônios. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, n. 159, 2020.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415 f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. Patrimônios afetivos: um novo recurso para o turismo em Morro Redondo-RS. **Rosa dos Ventos**, v.11, n.4, 2019.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

RIBEIRO, Rafael Winter. **Paisagem cultural e patrimônio**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Propostas para o reconhecimento da várzea como patrimônio. **Ludopédio**, São Paulo, v. 136, n. 59, 2020a.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Cartografia da várzea em Belo Horizonte. **Ludopédio**, São Paulo, v. 127, n. 25, 2020b.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Uso social dos campos de várzea em Belo Horizonte. **Ludopédio**, São Paulo, v. 130, n. 20, 2020c.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, v. 10, n.1, p. 83-98, 2007.

SILVA, Rafael Henrique Teixeira da; SILVA, Silvio Ricardo da. Futebol: perspectivas de um patrimônio cultural. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 7, n. 3, p. 86-104, 2020.

SPAGGIARI, Enrico. **Tem que ter categoria**: construção do saber futebolístico. 2009. 265f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Pós-graduação em Ciência Social - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola**: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2014. 470 f. Tese (Doutorado em Antropologia) Pós-graduação em Ciência Social - Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

**Endereço dos Autores:**

Felipe Vinícius de Paula Abrantes  
Endereço Eletrônico: felipevpa@yahoo.com.br

Mateus Alexandre Silva  
Endereço Eletrônico: mateusalsilva@yahoo.com.br

Thiago Carlos Costa  
Endereço Eletrônico: thiagoc\_costa@yahoo.com.br

Silvio Ricardo da Silva  
Endereço Eletrônico: prof.srs@gmail.com